

## Arquitetura, técnica e política: um comentário crítico a *Rodrigo Brotero Lefèvre e a idéia de vanguarda*, de Miguel Antonio Buzzar\*

**Cibele Rizek**

Socióloga, professora doutora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da EESC-USP, Av. Trabalhador Sancarlense, 400, Centro, CEP 13566-590, São Carlos, SP, (16) 3373-9822, cibe@uol.com.br

A tese de doutorado de Miguel A. Buzzar merece ser tratada como um trabalho cujo tema e abordagem receberam elaboração original, contribuindo para a elucidação da história recente da arquitetura paulista. Nesse trabalho, a trajetória e a produção de Rodrigo Lefèvre são recuperadas em suas dimensões técnicas, éticas, formais e políticas, articuladas a partir de um escopo que não se restringe à reunião de documentação de cunho biográfico, que não se contenta em narrar um percurso, buscando ler nas obras e pelas obras a tradução das múltiplas dimensões imbricadas nos projetos e textos desse arquiteto e professor, suas interlocuções mais significativas, os dilemas que se colocavam no rastro de uma das heranças possíveis dentro do espectro de uma arquitetura da assim chamada “escola paulista”.

Esse vínculo com a formação de Rodrigo Lefèvre é objeto de análise, constituindo-se em parte da pesquisa documental, mas o trabalho de Miguel A. Buzzar se desdobra para além da formação intelectual de uma contribuição, abrindo um campo de leitura e de questionamento, colocado a partir dos dilemas, promessas e esperanças que habitaram a produção e a reflexão de uma geração.

No percurso de pesquisa e de exposição que compõem os sete capítulos, elaborados de modo um tanto desigual, é possível observar um vaivém que por vezes se constitui em obstáculo a uma compreensão mais fluída do texto e de seus argumentos. No decorrer de uma exposição nem sempre sem percalços, entrelaçam-se uma abordagem temática

e uma abordagem cronológica, a discussão teórica e o percurso narrativo, sem que o autor tenha se definido realmente por um ou por outro caminho, na busca de um modo de leitura das obras e, ao mesmo tempo, dos pontos de inflexão de um trajeto de vida e produção, ultrapassando as perspectivas que visitam apenas parte da obra do arquiteto. Assim, Miguel Buzzar chega a documentar e analisar o período final da produção de Lefèvre, das obras produzidas a partir de seu trabalho como arquiteto assalariado, em que se acrescentam a algumas das interrogações anteriores novas questões.

Ao considerar as obras e a trajetória de Lefèvre, o texto revisita ainda a historiografia da arquitetura brasileira e os critérios que incluem ou excluem obras e contribuições, assim como os mapeamentos que resultam desses procedimentos. Esses mapeamentos, especialmente quando não se explicitam os critérios de produção, naturalizam as operações de invenção e reinvenção do passado, dotando-as de um manto factual. Na verdade, as pequenas parcelas da obra de Rodrigo Lefèvre que foram incluídas na historiografia e as outras que, como demonstrou Miguel Buzzar, ficaram de lado talvez possam apontar as formas de julgamento que presidiram suas escolhas, gerando constelações que correm o risco de se transformar em historiografia oficial. Desse ponto de vista é significativo que toda uma leva de trabalhos recentes recuperem a produção do grupo Arquitetura Nova, como os trabalhos de Ana Paula Khoury e Pedro Arantes ou as contribuições de Lefèvre, como faz Miguel A. Buzzar.

\* *Rodrigo Lefèvre e a idéia de vanguarda* é o título da tese de doutorado desenvolvida por Miguel Antonio Buzzar na FAU-USP, sob orientação do professor-doutor Paulo J. V. Bruna. Miguel Antonio Buzzar é arquiteto, professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da EESC-USP, Av. Trabalhador Sancarlense, 400, Centro, CEP 13566-590, São Carlos, SP, (16) 273-9301, mabuzza@sc.usp.br

Feitas as observações mais relevantes do ponto de vista metodológico, cumpre destacar alguns elementos originais da abordagem do autor. O primeiro diz respeito, a título de hipótese que não chega a ser inteiramente demonstrada, à busca das interlocuções e das contribuições imbricadas no complexo de relações estabelecidas entre a história da casa – quase uma história do conceito materializado da casa e da morada, dos “espaços de convívio” –, tal qual se desenvolveram em São Paulo, e seus desdobramentos na arquitetura moderna paulista. A partir dessa elaboração pode-se perguntar sobre o modo de inserção desse arquiteto em uma tradição ou linhagem, assim como sobre os elementos que identificam e distanciam suas casas, dentro de uma história de conceitos, de formas e de propostas. Trata-se então do esforço de localização da produção de Lefèvre no curso do tempo, da busca de interlocução com o passado e da construção de suas expectativas. Essa imersão no tempo em que Rodrigo Lefèvre se formou e produziu aponta ainda outro problema historiográfico clássico: como e o que periodizar, como demarcar, por intermédio de textos e obras, as inflexões, guinadas de sentido, questões e práticas que imbricaram técnica construtiva e ética, trabalho e política, passado e futuro, herança e horizonte.

Outra dimensão que ganha destaque é a sempre problemática relação entre textos e obras. No caso da produção analisada, cumpre destacar que essa relação é especialmente reveladora, sobretudo porque permite que se conheça um diálogo que talvez tenha se tornado cada vez mais escasso entre a produção de arquitetura e a discussão sócio-política, já que obras e textos explicitam, cada qual a partir de sua linguagem e formas, uma crítica das condições e da realidade da sociedade e da arquitetura brasileiras. Abrindo mais uma vez as questões e possibilidades que operavam no momento da produção de Rodrigo Lefèvre, Miguel A. Buzzar vai à procura de suas inquietações no calor de uma crítica cada vez menos comum, de um vínculo cada vez menos visível – mas nem por isso arcaico ou anacrônico – entre política, forma e prática arquitetônicas, assim como entre intelectuais, militantes e arquitetos e suas interrogações recíprocas.

Desse modo, delinea-se uma dimensão cuja importância extravasa os anos 70 e 80, dimensão esta que se repõe, ainda que de outras formas, diante da materialidade da arquitetura: trata-se do lugar da técnica como eixo onde as dimensões ética e política se fazem presentes. Esses elementos imbricados estavam, então, colocados no interior da polêmica sobre os processos de modernização e desenvolvimento truncados pela ditadura militar. Nesse núcleo de problemas uma questão central se enuncia: o lugar do trabalho na compreensão da sociedade brasileira, na crítica e na compreensão de sua arquitetura. Trabalho e ofício, forma e mercadoria, realidade e utopia se encontram na discussão da centralidade do trabalho e de suas relações com a obra arquitetônica. Também é a partir dessa centralidade antropológica e histórica do trabalho que o vínculo entre possibilidades técnicas e relações de produção acaba por se tornar o eixo pelo qual se entrelaçam o arcaico e o moderno, em uma unidade que põe em xeque as possibilidades de modernização econômica e social como futuro plausível, como expectativa de uma história que reafirmava a identidade entre a noção mesma de modernização e a linearidade do progresso técnico e sócio-político, em um país periférico. Incorporação do atraso, ou crítica da noção de progresso e de evolução assimilada ao desenvolvimento e ao desenvolvimentismo? A formação e as interlocuções de Rodrigo Lefèvre apontam sem dúvida para a segunda alternativa, desassimilando industrialização, desenvolvimento técnico e racionalidade.

Nesse quadro, Miguel Buzzar interroga seu objeto e mapeia alguns de seus desafios capturados por algumas confusões entre, por exemplo, sociedade de massas, o “nacional” e a nacionalidade, a cultura e o saber popular, o que certamente se fazia sentir não apenas nos escritos e afirmações desse arquiteto. Ecoavam ainda, em meados dos anos 70, alguns desdobramentos do movimento de 68. Algo da indeterminação daqueles fatos e idéias ainda imperava, talvez mesmo porque seu desenvolvimento teria sido abortado no Brasil, em meio ao recrudescimento da ditadura militar. A partir da montagem desse quadro, a idéia de vanguarda é problematizada, por um lado, seguindo as questões levantadas por

Tafuri e, por outro, em confronto com a identificação das características entranhadas na sociabilidade brasileira, em suas relações autoritárias e hierárquicas de trabalho tal como ganhavam concretude na questão do canteiro, em suas práticas que, em vez de negá-las ou desautorizá-las, acabavam por hipostasiá-las. Naquele momento, ao menos no canteiro parecia ser possível subverter as formas autoritárias e rigidamente hierárquicas que caracterizavam as relações de trabalho no Brasil e, deste

modo, questionar e reconsiderar a questão da racionalização construtiva, ícone dos processos de modernização e de suas promessas. Daí decorre um conjunto de problemas cujo interesse está longe de se esgotar, já que a herança de Rodrigo Lefèvre se faz sentir em um conjunto de conceitos e de práticas cujos sentidos, na transição entre a “utopia” proposta e a realidade do presente, se abrem para novas interrogações a respeito dos elos entre a arquitetura, a luta e o desejo de emancipação.